

Escrita acadêmica: o pesquisador e sua relação com a teoria

(Academic writing: the researcher and his relationship with Theory)

Maria Aparecida da Silva Miranda¹, Sulemi Fabiano Campos²

^{1,2}Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

mirandamas@yahoo.com.br; sulemifabiano@yahoo.com.br

Abstract: This study aims to investigate how the researcher who is still training relates himself to the theoretical concepts when he applies them to the data analysis. Thus, our attention turns to the relationship he establishes with culturally systematized knowledge when writing his research. The *corpus* consists of three dissertations in the area of linguistics defended in 2001, 2006 and 2008, which are available on the public domain – Capes. The hypothesis is that the writer leaves marks in his writing of the relationship between language and scientific cultural. We plan to raise some linguistic forms that forms function as periphrastic reformulators and their effects of meaning on writing evidencing how evidencing how the researcher relates himself to the theory as we believe that these “invented” linguistic expressions can reveal the subject’s relation to the cultural legacy which preceded him. This discussions follows the design of enunciative heterogeneity of “non coincidence” of saying proposed by Authier-Revuz (1998, 2004, 2011) and the concept of paraphrases proposed by Fuchs (1985).

Keywords: Academic writing; paraphrase; linguistic expressions; effect of sense.

Resumo: Neste estudo investiga-se como o pesquisador em formação se relaciona com a teoria ao mobilizar e colocar conceitos de área em funcionamento na análise dos dados. A nossa atenção se volta para a relação que ele estabelece com o conhecimento culturalmente sistematizado, ao escrever sua pesquisa. O *corpus* é constituído por três dissertações de mestrado da área de linguística defendidas em 2001, 2006 e 2008, disponíveis no portal de domínio público – CAPES. Sustenta-se a hipótese que o sujeito ao escrever deixa marcas linguísticas da relação que estabelece com o conhecimento e o saber culturalmente sistematizado na escrita. Logo, pretende-se fazer o levantamento de algumas formas linguísticas que funcionam como reformuladores parafrásticos, e quais efeitos de sentido que elas exteriorizam na escrita evidenciando o modo como o pesquisador se relaciona com a teoria. Acredita-se que essas expressões linguísticas “inventáveis” podem revelar, no fio do dizer, a relação do sujeito com o legado cultural que o precedeu. Tal discussão embasa-se na concepção de heterogeneidade enunciativa das “não coincidências” do dizer de Authier-Revuz (1998, 2004, 2011) e na concepção de paráfrases de Fuchs (1985).

Palavras-chave: Escrita acadêmica; paráfrase; expressões linguísticas; efeitos de sentido.

Introdução

A produção de conhecimento na universidade consiste na entrada do sujeito num campo privilegiado do saber científico, o qual pressupõe que esse sujeito, por meio de sua relação com o conhecimento culturalmente sistematizado, possa dizer algo capaz de transformar e ser transformado, ao ser submetido aos efeitos da linguagem acadêmica. Ao considerar os modos como um pesquisador se relaciona com o saber e com o outro, a pergunta que nos move para escrever esta pesquisa é uma inquietação, também do Grupo de Pesquisa em Estudo do Texto e do Dis-

curso (GETED¹) – Qual seja a indagação, como um pesquisador em formação se relaciona com a teoria ao mobilizar um conceito de área e o coloca em funcionamento?

Para entender o modo como o pesquisador em formação se relaciona com o conhecimento teórico que mobiliza ao escrever a pesquisa, propõe-se como objetivo, verificar por meio da análise de expressões linguísticas, a forma como ele interpreta, organiza e reformula conceitos de área em seu texto. Sustenta-se a hipótese que o sujeito ao escrever deixa marcas linguísticas da relação que estabelece com o conhecimento e o saber culturalmente sistematizado na escrita.

O *corpus* utilizado para esta pesquisa se constitui de três dissertações de mestrado da área de linguística defendidas nos anos 2001, 2006 e 2008, em diferentes universidades do país, selecionadas do portal de domínio público-Capes. Adota-se o seguinte critério para a escolha do *corpus*: ser da área de linguística e tratar sobre o conceito de gênero. Na análise, investigam-se marcas linguísticas deixadas na materialidade textual que indiciam como um sujeito em formação se relaciona com a teoria. Denominam-se as dissertações como: D1 2001 (para Pesquisador em Formação 1/2001), D2 2006 (para Pesquisador em Formação 2/2006) e D3 2008 (para Pesquisador em Formação 3/2008).

Neste estudo, não se tem como discussão central os problemas formais de escrita de textos produzidos em universidades, tampouco se busca dar respostas a esses enigmas. Propõe-se registrar algumas discussões sobre a produção escrita no ensino superior no que concerne a relação do pesquisador com o conhecimento culturalmente sistematizado na produção escrita de textos acadêmicos.²

Um trabalho de escrita que precisa ser construído com o *outro* e a partir dele, mas que apresenta suas especificidades, de modo que, nesse percurso, deixa marcas de singularidade e do qual se infere a realização de um movimento complexo por parte de quem redige. Trata-se de um processo de escrita que se organiza no agenciamento harmonioso ao conciliar as várias vozes que, na ida do sujeito ao outro se constituem a partir da memória discursiva daquele que escreve.

Isso porque, ao escrever, o sujeito está sempre em confronto entre o singular e o coletivo, que, necessariamente, precisa realizar estratégias linguísticas para incluir o *outro*, que dá sentido ao texto, e, do mesmo modo, assumir um lugar de enunciação, isto é, responsabilizar-se por suas escolhas lexicais, sintáticas, estilísticas, e trabalhar para convencer seus pares de suas decisões. Nesse sentido, os textos objetos (excertos) selecionados das dissertações serão analisados, tendo como referência as contribuições

1 O Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso (GETED) foi fundado em 2010, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem como coordenadoras as professoras Sulemi Fabiano Campos e Cleide Emília Faye Pedrosa. O grupo é constituído por pesquisadores que estão em diferentes momentos de seus percursos acadêmicos e que tomam a escrita como objeto de estudo nos mais diversos níveis de escolarização. Os membros do grupo têm como meta pesquisar algumas inquietações que permeiam o ensino e aprendizagem da escrita no ambiente escolar, na busca de novas soluções. O GETED está interligado ao Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP, criado na FE/USP no segundo semestre de 2004, pelos professores doutores Claudia Rosa Riolfi e Valdir Heitor Barzotto. Conta com a participação de docentes pesquisadores de várias universidades brasileiras. Desde 2007, o GEPPEP vem construindo sua inserção internacional.

2 Estamos defendendo, idealmente, como "legado cultural" o trabalho realizado pelo sujeito para lidar com as referências bibliográficas lidas, que sustentam um dizer embasado em outro dizer, culturalmente sistematizado.

teóricas trazidas pela Análise do Discurso de linha francesa, a partir dos estudos linguísticos propostos por Authier-Revuz (1998, 2004, 2011), com relação à heterogeneidade mostrada e não marcada e a heterogeneidade constitutiva, especialmente sobre os efeitos de sentido que expressões linguísticas de “não coincidência” produzem sobre a escrita.

Consoante aos conceitos de heterogeneidade propostos por Authier-Revuz (2004) abordam-se, alguns elementos mobilizados pelo sujeito que, ao colocar em funcionamento o discurso do outro é marcado no fio desse dizer por elementos que o aproximam, unificam e reformulam para confirmar de modo diferente o dizer daquele no seu discurso. Esses elementos (*isto é, quer dizer, ou, ou melhor, ou seja, etc.*) são abordados, segundo Fuchs (1985), como parafrásticos. Tais elementos, presentes no fio do discurso nos fatos de reformulação, fazem uma imagem do que se diz e sobre o que se dizer como produto da enunciação. Esses conceitos nos permitiram *inventariar* as diversas formas pelas quais uma teoria é mobilizada pelo pesquisador em seu trabalho.

Subsidia-se, também, em estudos realizados por Fabiano (2004, 2007), nos quais a questão abordada foi a voz do *outro* como embasamento no texto acadêmico. As investigações apontam que, ao escrever, os pesquisadores deixam marcas que evidenciam o modo como lidam com a teoria e revelam as estratégias linguísticas que utilizam para a construção do texto. No geral, há indícios que apontam para o uso dos autores como argumentos de autoridade e repetição de conceitos teóricos.

Reflexões teóricas: a lupa que ilumina os dados

Parte-se do que propõe Authier-Revuz (2004), na escrita do texto acadêmico, inevitavelmente o sujeito terá de viver a angústia do enfrentamento com o *outro* como necessidade de ancoragem teórica e, de modo singular, traçar na tessitura do texto formas linguísticas como: *dizemos; se você quiser; para assim dizer*, pelas quais se faz surgir o espaço que separa esse *outro* que atravessa a comunicação e faz a enunciação parar sobre as palavras. Nesse contexto, a reflexão metalinguística feita pelo leitor aparece como dimensão importante da escrita, espaços em que o dizer se mostra “não coincidente”, denominados pela autora como procedimentos linguísticos empregados pelo produtor do texto numa postura avaliativa daquilo que foi dito.

Authier-Revuz (2004, p. 12) ao fazer estudos sobre a heterogeneidade constitutiva a partir de conceitos de interdiscurso de M. Pêcheux, dialogismo de M. Bakhtin, enunciação de Benveniste e de inconsciente de Lacan, propõe que, na língua, todo dizer é atravessado constitutivamente por outros dizeres e que há formas explícitas na sua heterogeneidade que se inscrevem no fio do discurso como marcas de uma atividade de *controle regulagem do processo de comunicação* dada como óbvias na produção do discurso. Disso resulta o entendimento de que as marcas linguísticas deixadas por aquele que escreve um texto acadêmico permitem observar pontos de “não coincidências” do dizer. Em específico, a “não coincidência do dizer consigo mesmo”, que, de certo modo, há nos textos objetos analisados expressões linguísticas que podem ser entendidas com o que Authier-Revuz (2011) denominou de *paradas sobre palavra*, ou seja, uma forma daquele que escreve marcar a sua enunciação na estrutura da linguagem acadêmica.

Essas palavras, marcadas no discurso como *paradas* sobre o dizer podem ser consideradas como expressões reformuladoras da atividade parafrástica presente no discurso científico. Nesse contexto, a paráfrase como propõe Fuchs (1985) pode ser formulada de dois modos. Em primeiro lugar, a reformulação parafrástica repousa sobre uma prévia interpretação de um texto fonte, tomada para esse fim. Essa interpretação é variável segundo aspectos sociais, históricos e ideológicos, concernentes ao sujeito escritor, o que implica dizer que a interpretação de um texto não é única, é marcada por uma disseminação de sentidos. Por isso, aquele que escreve, ao mobilizar um conceito de área, pode (re)formular de modo diferente um “mesmo” conceito ou informação.

Em segundo lugar, de acordo com a autora a reformulação parafrástica consiste em identificar a significação do texto fonte a ser (re)construída (FUCHS, 1985). Tal identificação se mostra momentânea, já que resulta de um apagamento de diferenças. Portanto, não é única ou exatamente a que imaginariamente se supõe ser aquela que o autor do texto fonte quis enunciar em seu texto, o texto fonte. Ao reformular um enunciado, chega-se a outras possibilidades de leitura, “a paráfrase oscila entre a reprodução pura e simples do conteúdo e a sua deformação” (FUCHS, 1985, p. 134).

Por último, Fuchs declara que a reformulação parafrástica pode ser traduzida sob formas características de emprego metalinguístico da linguagem, a exemplo disso, podemos perceber, segundo a autora, em esquemas do tipo: *X, quero dizer Y; X e Y significam a mesma coisa; X, em outras palavras Y; etc.* (1985, p. 134).

Essas definições de paráfrase possibilitarão observar e interpretar os diferentes procedimentos de reformulação (*isto é, assim como, dito de outro modo, mas, etc.*) utilizados pelo pesquisador em formação ao acionar um conceito de área e elaborar seu texto. Por meio desses mecanismos de reformulação parafrásticos é possível analisar o modo como o sujeito se relaciona com o conhecimento.

As possibilidades, os propósitos, as armadilhas em um jogo textual que o sujeito tenta camuflar ou reformular um enunciado, primeiro, para escrever em um enunciado segundo, tentando mascarar ou desmascarar o sentido de tal enunciado dito original, dizendo de outro modo. Essas marcas que pontualmente duplicam dois pontos de vista diferentes sobre o mesmo referente são responsáveis pela construção ou reconstrução do sentido do texto, do discurso de si e/ou do outro.

A partir do exposto, considera-se que a paráfrase faz parte do contexto de produção de escrita acadêmica, e que ao escrever, o pesquisador em formação precisa conhecer o estado da arte do tema estudado. Isso é essencial para que ele saiba o que já se produziu a respeito para que possa subsidiar-se do conhecimento culturalmente sistematizado, podendo fazer suas escolhas teóricas e dizer de outro modo o que já foi dito, de forma que algo de si possa se apresentar como característica explícita de sua relação com o conhecimento e ultrapasse o discurso do *outro*.

No dizer de Fabiano (2007) a paráfrase na produção escrita acadêmica, pode ser vista como forma de incorporação das referências das leituras feitas para embasamento teórico dos trabalhos acadêmicos. Pode-se dizer também que a paráfrase reflete na escrita acadêmica efeitos de sentido, devendo revelar a relação do pesquisador com o conhecimento culturalmente sistematizado.

A paráfrase e a presença do outro na escrita acadêmica

A escrita, em especial na universidade, não é simplesmente a transposição da ideia do sujeito que escreve sobre o papel. Trata-se de uma construção feita a partir do material linguístico e do legado cultural. Nesse processo, alguns postulados são incorporados como *sensu comum*. Contudo, é preciso que se reconheça a impossibilidade de tudo dizer e no mesmo gesto se responsabilizar pela produção que faz movimentar o saber.

A esse respeito, Barzotto (2007) propõe a reflexão sobre o uso da paráfrase como um dos mecanismos de construção do texto acadêmico. No entanto, alerta para os efeitos que algumas paráfrases produzem, e seu emprego deve ser questionado. O autor afirma que muitas vezes essa prática leva à acomodação e o pesquisador acaba assumindo mais um caráter de repetição do outro como voz de autoridade. A incorporação de um texto em outro, feita de forma repetidora e parafrástica, protegida pelos postulados também repetidos e parafraseados, apontam marcas linguísticas que permitem caracterizar as relações entre os sujeitos que escrevem e aqueles que são seus leitores.

Para Authier-Revuz (2004), a reformulação parafrástica produz formas linguísticas, sintáticas e discursivas da presença do *outro* no discurso. Trata-se de fatos relacionados à *modalização autonímica* do dizer, um modo de progressão do discurso que pontualmente se mostra não coincidente com o próprio dizer.

Escrever na universidade requer do pesquisador uma posição subjetiva frente ao objeto de estudo. O sujeito precisa encontrar estratégias linguísticas que lhe permitam efetivar o gerenciamento de vozes, para articular as vozes do texto fonte (teórico que fundamenta sua pesquisa) com as do texto construído.

Nesse sentido, esta pesquisa baseia-se na concepção de Authier-Revuz (1990, 1998, 2004, 2011), no que diz respeito às formas de heterogeneidade mostrada, ou no que ela chama de “não coincidências do dizer”, que se inscreve como um subconjunto formalmente caracterizável como fato de “ruptura sobre o fio enunciativo” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 174). O uso da paráfrase pode se mostrar como prática recorrente na escrita acadêmica, vista como mecanismo de reformulação/construção de um “novo texto” que tem como base o texto fonte. Acredita-se que tal concepção possibilitará observar e interpretar os diferentes procedimentos de reformulação utilizados pelo pesquisador em formação ao mobilizar um conceito de área e elaborar seu texto. Como efeito, a heterogeneidade enunciativa se apresenta como instrumento caracterizador do discurso presente em todas as manifestações da linguagem verbal.

Não se quer negar, com isso, que a paráfrase não possa ser um dos recursos utilizados na construção de um texto acadêmico. No entanto, é discutível seu uso em excesso na construção do texto acadêmico, de forma que tal utilização pode apontar para uma acomodação trazida pela banalização do ato de parafrasear: sempre se retomar ao texto do outro como forma de produzir. Ou seja, sabe-se que para elaborar um texto é preciso se basear em alguma ideia já produzida, e isto é totalmente aceitável. Aceitável, no sentido de que, é enfrentando o trabalho de ler a palavra do *outro* que ele produz uma palavra própria, pois ao se por em busca de resposta o pesquisador encontra condições para perceber e construir os movimentos necessários de inscrição de sua própria palavra nos dizeres e discursos da cultura acadêmica, construindo, com isso, um caminho novo para si.

A partir da observação inicial do *corpus* estudado, nota-se que ao escrever o sujeito desenvolve determinados procedimentos linguísticos (discurso indireto, discurso direto, marcas de pessoa, verbo, conectivos, etc.) para poder comentar a bibliografia lida que pode ser visto como marcas que sustentam uma ancoragem teórica, a partir de um conteúdo estudado. Tais procedimentos apontam como efeito a paráfrase como produção ou reprodução leitora. Ou seja, marcas que apontam indícios de como quem escreve realiza a atividade parafrástica ao produzir um texto acadêmico. De modo que, o sujeito se autoriza a partir das palavras do “outro” fazendo emergir, não só a informação daquilo que já estava previsto pelo enunciado primeiro, mas o que não estava dito, porém, interpretável.

Para uma análise a respeito de como se dá a atividade parafrástica na escrita do pesquisador em formação, passa-se à análise de três excertos relativos às dissertações selecionadas (D1 2001, D2 2006 e D3 2008), quanto à mobilização de conceitos bakhtinianos na construção das pesquisas.

Paráfrase por equivalência formal?

Os dois excertos abordam o conceito de “atitude responsiva” de Bakhtin (1992). Para que se possa mostrar como tal paráfrase foi construída, serão confrontados trechos recortados da pesquisa do informante com o texto fonte, no qual o autor em questão define o conceito teórico que é mobilizado pelo informante em seu trabalho. Assim, o primeiro excerto foi escrito pelo pesquisador D1 2001 e o segundo, pelo autor teórico Bakhtin (1992), supostamente lido por D1. Neste item, apresenta-se a análise de um dos procedimentos observados na escrita dos mestrados: o uso da paráfrase como equivalência formal.

- (01) **D1 2001** – De acordo com Bakhtin (1992), o *interlocutor possui uma atitude responsiva ativa, isto é, aquele que compreende o discurso pode concordar ou discordar do mesmo. Esta atitude responsiva ativa acompanha a compreensão de um enunciado vivo; a compreensão responsiva é a preparação e o início para uma resposta [...]*, (D1, p.62, grifos nossos).

Autor lido – os *dois parceiros da comunicação, o locutor e o ouvinte verbal*, por meio de um esquema dos processos da fala no locutor e dos processos *passivos* de recepção e de percepção e de compreensão da fala no ouvinte [...] um ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso, *adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa*, ele concorda ou discorda, completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de [...], Bakhtin (1992, p. 290-291, grifos nossos).

Como se pode observar, o excerto produzido pelo pesquisador D1 apresenta estrutura de citação indireta: “De acordo com Bakhtin (1992)”. Esse procedimento, porém, pode ser considerado apenas um jogo textual de uma produção escrita que ocorre por inversão da ordem de algumas palavras no enunciado. Verifica-se, que, o que o autor coloca em primeiro plano, o pesquisador D1 transpõe para o seu texto em segundo plano. Compreende-se tal uso como sendo uma tentativa de parafrasear o texto a partir de reformulações lexicais, com variações de ordem semântica que, de certa forma, não foram bem-sucedidas.

- (02) **D1 2001** – [...] o interlocutor possui uma atitude responsiva ativa, [...].

Autor lido – [...] *adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa*, ele concorda ou discorda, [...].

É possível perceber que na tentativa de interpretar o texto o pesquisador elabora um enunciado que se repete e, muito se aproxima de uma cópia. No entanto, a enunciação é outra. D1 baseia-se em um imaginário de escrita por acreditar que transpondo uma oração de um lugar para outro, estaria dando um novo sentido ao que escreveu, “Segundo Bakhtin, isto é um exemplo de atitude responsiva”.

Ao comparar os dois excertos, verifica-se que há uma tentativa de reformulação do enunciado primeiro (texto fonte) para escrever um segundo texto. A partir da interpretação das palavras do autor/teórico o pesquisador tenta dizer de outro modo ao seu leitor algo que já foi dito ao sustentar certa discursividade.

Confrontando-se os dois enunciados, observa-se o uso da paráfrase como equivalência formal, procedimento em que o pesquisador D1 retoma o texto fonte informa as referências bibliográficas e faz algumas alterações sintáticas no texto. Em um primeiro momento, observa-se que há uma relação de sentido entre algumas expressões que parecem correspondentes. No entanto, isso que parece correspondente, se mostra alterando o sentido do enunciado, um deslocamento de sentido.

Há um deslocamento e distanciamento de sentido em virtude da substituição de palavras. Ao compararmos os excertos, verificamos: (a) D1 diz: “*possui* uma atitude responsiva ativa”, o autor do texto fonte diz: “*adota* simultaneamente [...] uma atitude responsiva ativa”. Há, neste caso, um deslocamento de sentido entre “possuir” e “adotar”, pois não há entre as duas palavras uma correspondência de significação; (b) D1 afirma: o “*interlocutor*” possui uma atitude responsiva ativa, enquanto o autor escreve: “*os dois parceiros da comunicação* [...] possui uma atitude responsiva ativa”.

Tais ocorrências mostram que, ao parafrasear o texto de Bakhtin (1992), o pesquisador da D1 estabelece um jogo de equivalência sinonímica entre seu texto e o texto fonte. No primeiro momento, ao avaliarmos o contexto, temos uma relação de sentido entre algumas expressões que parecem correspondentes. Mas, em uma segunda avaliação, podemos verificar que tal estratégia marca uma ruptura e um deslocamento de sentido entre os dois enunciados. Com efeito, podemos dizer que a posição do pesquisador como sujeito se faz nessa relação de constituição de um lugar de interpretação que se situa entre o “Outro” (interdiscurso) e o “outro” (interlocutor), o outro discurso.

A partir da verificação de quais alterações foram realizadas entre trechos do enunciado, percebe-se que, aparentemente, elas são referentes ao segundo nível de paráfrase, o que, Fuchs (1985) define como relação sinonímica, uma vez que existe uma troca de alguns significantes que são sinônimos. Tal recurso é utilizado pelo pesquisador da D1 para reformular o discurso do outro, digamos para parafrasear o texto de Bakhtin, estabelecendo um jogo de equivalência sinonímica entre seu texto e o texto fonte.

Na escrita acadêmica, o uso da paráfrase pode ser entendido como modos de o sujeito expressar sua relação com a teoria a partir de leituras realizadas como embasamento teórico de sua pesquisa. Trata-se de uma construção feita a partir do material linguístico, que possibilita encontrar formas de expressão capazes de produzir o efeito de sentido imaginado, e do legado cultural que funciona como parâmetro para a produção de conhecimento.

Paráfrase por relação sinonímica?

A paráfrase por relação sinonímica se estabelece na alteração entre termos semanticamente equivalentes. A sinonímia entre palavras pode ser interpretada a partir de uma relação de identidade verdadeira de sentido ou proximidade semântica (FUCHS, 1985). A construção parafrástica que se analisa a seguir apresenta alterações sinonímicas. Tais alterações linguísticas, na construção do enunciado, produzem efeitos que alteram o sentido inicial do enunciado.

O primeiro excerto transcrito a seguir foi produzido pelo pesquisador da D2, e o segundo foi retirado de um capítulo do livro de Bakhtin (1992, p. 179). O pesquisador se propôs a fazer um estudo das ocorrências de marcas enunciativo-discursivas em histórias em quadrinhos. Para realizar a pesquisa, ele se fundamentou nos pressupostos bakhtinianos. No excerto que se toma para análise, ele aborda o conceito de “enunciado”.

- (03) **D2 2006** – Para Bakhtin, os enunciados de um discurso se definem pela natureza dos *gêneros discursivos, constitutivos e constituídos em circunstâncias enunciativas peculiares às esferas das relações sociais*. Quaisquer que sejam a extensão, o **conteúdo semântico**, os recursos linguísticos e a sua composição estrutural; o discurso, materializado na forma de texto apresenta características que lhe são geralmente comum, moldadas pelas regras do funcionamento dos gêneros, sendo essas, por sua vez, articuladas no interior das interações das esferas das relações sociais. Dito de outro modo, *cada esfera de uso da língua (cotidiana ou não) potencializa os seus próprios gêneros*, determinando as formas genéricas e relativamente estáveis de manifestação dos discursos, no que tange aos aspectos temático, estilístico e composicional. [...] (D2 2006, p.34, grifos nossos).

Autor lido – [...] *A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma e doutra esfera de atividade humana*. O enunciado reflete as condições específicas de cada uma dessas esferas, não só por seu *conteúdo (temático)* e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e, sobretudo, sua construção composicional. [...] Qualquer enunciado considerado isoladamente, é claro, individual, mas *cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso*, Bakhtin (1992, p.179, [grifos nossos]).

Verifica-se que o pesquisador da D2, ao tentar distanciar-se do discurso do outro, estabelece uma relação sinonímica entre algumas palavras que se enunciam no fio do dizer, possivelmente na tentativa de escrita de um novo texto. As ocorrências sinonímicas são entre as palavras/expressões (apresentadas na ordem em que aparecem: pesquisador da D2 x autor): “*conteúdo semântico*” e “*conteúdo temático*”; “*relações sociais*” e “*atividades humanas*”; “*potencializa*” e “*elabora*”. Tais proposições estabelecem, na estrutura textual, uma relação de sentido entre os dois enunciados.

- (04) **D2 2006** – [...] *peculiares às esferas das relações sociais*. Quaisquer que sejam a extensão, o conteúdo semântico, [...] (grifos nossos).

Autor lido – [...] *doutra esfera de atividade humana*. O enunciado reflete as condições específicas de cada uma dessas esferas, não só por seu *conteúdo (temático)* [...] (Bakhtin [1992] 2000, p. 179, grifos nossos).

Como se pode ver, o texto produzido pelo pesquisador da D2 apresenta uma estrutura de citação indireta. Acreditava-se que esse fosse um movimento inicial para uma possível produção escrita, por isso, esperava-se encontrar uma paráfrase linguística de reformulação. Porém encontram-se trechos do texto fonte que aparecem na escrita do

pesquisador da D2 na ordem inversa. Isso nos leva a crer que, na tentativa de parafrasear o texto fonte, ele realiza procedimentos como a inversão de trechos do enunciado e substituição de palavras por sinônimos, que se analisa na sequência.

Nessa direção, numa leitura mais atenta, primeiro observam-se, na construção textual dos dois primeiros períodos, indícios de uma estrutura parafrástica em que, embora haja resquícios do outro, é possível a interpretação de que o pesquisador da D2 faz uma produção de sentido que norteia a construção do enunciado.

Na primeira expressão –, *conteúdo semântico* – pode-se dizer que é correspondente ao que Bakhtin denominaria como os sentidos ou conteúdos que são gerados numa esfera discursiva com suas realidades contextuais. Na segunda expressão – *relações sociais* –, acredita-se não alterar o sentido enunciado, por levar ao entendimento de que as atividades humanas são estabelecidas nas relações sociais que, por sua vez, definem os gêneros do discurso aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social. As alterações na terceira proposição – *potencializa para elabora* – dão a ideia de *reforço*, no sentido de que o uso da língua é que determina os seus próprios gêneros. Ou, melhor, “o uso da língua *torna ativo* o próprio gênero”.

Contudo, não se discorda de que, para elaborar um texto, o sujeito tome por base alguma ideia anterior. Prática que é totalmente aceitável. Porém o que não é aceitável é que ele se mantenha preso ao discurso do outro, redizendo o que já foi dito. Esse uso faz com que não se percebam as ideias e/ou a criatividade, ou mesmo, o percurso de formação daquele que escreve e a relação com o conhecimento das leituras realizadas ao longo de sua formação na produção de um texto.

Nesse caso, a análise aponta um dizer que pouco acrescenta algo “novo” ao que já foi produzido; apenas confirma o que o autor já havia dito, a partir da reflexão do leitor/escritor, no sentido de que “as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 1997 p. 160). Para Orlandi (2005, p. 25), o processo parafrástico é o que permite a produção do mesmo sentido sobre várias de suas formas (matriz da linguagem); ou seja, não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo.

Assim sendo, observa-se que nessa construção o sujeito se esconde por trás do *outro* (autor fonte do seu dizer). Ele faz com que seja impossível estabelecer uma relação entre o sujeito e o *Outro* que constitui o seu discurso. Isso acaba por anular o *Outro* no discurso. Trata-se de um discurso *imaginário* que é colocado em jogo, assegurado estruturalmente pelo sujeito como desconhecimento e indiferença, ocupado em anular, no imaginário, a divisão, a falta, a perda e o *descentramento* que o afetam. Isso acaba por anular o *Outro* no discurso. Trata-se de um discurso *imaginário* que é colocado em jogo, assegurado estruturalmente pelo sujeito como desconhecimento e indiferença, ocupado em anular, no imaginário, a divisão, a falta, a perda e o *descentramento* que o afetam. O sujeito não é duplo, mas dividido. Ele fala sem saber de outro lugar (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Em outras palavras, verificamos que tal procedimento, produz na escrita de D2, um efeito que vem a confirmar que o discurso, mesmo atravessado por outro, se mostra não coincidente, característica constitutiva de todo discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004).

A seguir, analisa-se o excerto do pesquisador da D3, para mostrar como realiza procedimentos parafrástico na produção escrita de sua pesquisa.

Paráfrase por reformulação?

Trata-se do movimento parafrástico que figura como reformulações possíveis em um dado contexto de modo a recuperar a significação do texto (aquele que foi reproduzido e interpretado) parafrasticamente. A paráfrase como reformulação é a atividade pela qual aquele que escreve restaura o conteúdo de um texto fonte sobre a forma de um texto segundo (FUCHS, 1985, p. 133).

Passamos a análise do excerto (5), transcrito da dissertação *Gênero artigo de opinião na perspectiva sociorretórica de gêneros textuais*, cujo objetivo foi analisar o gênero artigo de opinião, em uma perspectiva de gêneros textuais, sociorretórica. Em síntese, buscamos mostrar, através da análise desse excerto, como o pesquisador da D3 realiza procedimentos parafrásticos na produção escrita de sua pesquisa.

- (05) **D3 2008** – Bakhtin (1997), em *Estética da criação verbal*, afirma que a utilização da língua, emanando dos membros das diversas esferas da atividade humana, realiza-se na forma de enunciados concretos e únicos. Cada uma dessas esferas tem suas próprias condições específicas e finalidades nos enunciados. Isso não se limita ao seu conteúdo temático, ao seu estilo verbal, à seleção que se opera nos recursos linguísticos, mas também chega a sua construção composicional. Na totalidade do enunciado, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são fundidos de forma indissolúvel, e a especificidade de uma dada esfera de comunicação os identifica com suas marcas. Todo enunciado analisado de maneira isolada “é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 279, - p. 24, grifos nossos).

Autor lido – A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e de todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas dada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Verifica-se que os dois excertos tratam do conceito de “enunciado” numa perspectiva bakhtiniana. O primeiro, transcrito da dissertação do pesquisador que denominamos de D3, e o segundo, transcrito da obra de Bakhtin (1997), autor supostamente lido pelo pesquisador. Assim como os dois pesquisadores (D1 e D2) analisados anteriormente, observa-se que o pesquisador D3, ao reformular o conceito de enunciado, também inicia por meio de citação indireta, de forma a autorizar-se a partir das palavras do autor quebrando as modalizações e indicando o texto fonte e a paginação de onde foi retirada a citação:

- (06) D3 2008 – “Bakhtin (1997), em *Estética da criação verbal*, afirma que a utilização da língua, emanando dos membros das diversas esferas da atividade humana, realiza-se na forma de enunciados concretos e únicos [...] (BAKHTIN, 1997 p. 279)”.

Observa-se que ao realizar tais procedimentos o pesquisador, em sua estrutura textual, segue regras que atendem às convenções de escrita acadêmica que autoriza a sua enunciação a circular numa comunidade científica. Ao comparar os dois excertos, verifica-se que há duas preocupações no movimento que o pesquisador D3 realiza ao mobilizar o conceito de “enunciado”, valendo-se da citação indireta: “Bakhtin (1997), em *Estética da*

criação verbal”, com a intenção de: a) situar o seu leitor sobre a bibliografia lida, como embasamento teórico de sua pesquisa e, b) explicar de que obra foi retirada a citação.

Nesse processo de reformulação do enunciado, também, verificam-se duas estratégias de substituições de formas tipográficas presente, no texto fonte que tendem ao apagamento da voz do *outro* no enunciado: (a) substituindo trechos que o autor coloca em parênteses ele amplia a explicação colocando-os em itálico: *conteúdo temático* ao seu *estilo, construção composicional* e (b): o que o autor da obra destaca em itálico, ele utiliza aspas: “é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso”. Tais procedimentos apontam como efeito um distanciamento, digamos “imaginário”, como denegação do outro, fonte do dizer.

As razões para as substituições podem ser explicadas como mais uma das estratégias de escrita para diferenciar o texto fonte do texto elaborado por D3. Há nesse processo de escrita de D3, uma tentativa de distanciamento da palavra do *outro*, da reprodução leitora. Em suma, uma tentativa de não copiar o sentido literal do enunciado.

Trata-se de uma tentativa de interpretação apoiada no texto fonte e um esforço em não dizer outra coisa que não esteja autorizado. Ao procurar interpretar o que foi dito pelo autor ele altera a estrutura do enunciado, de modo que a nosso ver, não prejudica o sentido construído no enunciado. Contudo, tal composição não aponta para a criação de algo novo como produção de conhecimento que extrapole o que já foi dito pelo teórico.

Comparando o excerto do pesquisador D3 com o excerto da obra do autor, supostamente lido por D3, foi possível verificar alterações de ordem sintáticas e tipográficas entre um texto e outro. Quanto às alterações sinonímicas, encontram-se, basicamente, as seguintes palavras/expressões alteradas: “realiza-se”, para “efetua-se”; “membros”, para “integrantes”; “na totalidade do enunciado”, para “Estes três elementos”. Refletindo sobre o conceito de enunciado conforme propôs Bakhtin, é possível que tais alterações sinonímicas não alterem o sentido do enunciado na construção proposta pelo pesquisador da D3. No contexto em que aparecem as palavras/expressões, de certa forma o conceito de enunciado é contemplado, mesmo que de forma recortada e invertida.

Nesse jogo de palavras sinonímicas, o pesquisador da D3 modaliza o dizer. Assim o texto vai sendo construído a partir de um movimento entre o que está sendo dito e o que foi produzido antes. O uso da modalização, nesse jogo textual entre o pesquisador da D3 e o autor lido, contém indícios de que a relação que o pesquisador em formação estabelece com o legado cultural é, possivelmente, uma relação imaginária.

Nesse sentido, pode-se dizer que, nesse momento de exposição da teoria, o pesquisador da D3 parece aproximar-se do discurso universitário, mas ainda não se insere nesse discurso, visto que reproduz o discurso do “outro”. Ou seja, ainda não consegue articular a teoria de modo a servir-se dela de forma culturalmente sistematizada. Nessa configuração do discurso universitário, não há espaço para o não saber fazer sistematizado.

A esse respeito Fabiano (2007) aponta no ato de parafrasear um ponto positivo: o de se apoiar no “outro” para atualizar o leitor sobre o que o autor do texto lido afirma sobre determinado conceito, ou mesmo para retomar pesquisas anteriormente feitas.

Em síntese, verifica-se o seguinte movimento entre o texto produzido pelos pesquisadores em formação e o autor da obra (Bakhtin), supostamente lido pelos três pesquisadores:

a) há paráfrase por equivalência sinonímica como possível tentativa de reformulação parafrástica, analisadas com base nos excertos e no texto fonte, uma vez que tal movimento resulta de um gesto de leitura de uma construção teórica; b) ao reler o “outro” e registrar a ação dessa leitura, os pesquisadores utilizam procedimentos que apontam para a exterioridade discursiva marcada no discurso explicitamente como forma de apreensão e representação das palavras do outro, efetuada pelo uso do discurso indireto, pelo qual aquele que escreve coloca o outro como responsável pelo enunciado; c) há domínio na organização estrutural do texto do aluno pesquisador (em D1 e D3) quanto às convenções da escrita acadêmica, enquanto, no texto do pesquisador D2, observamos problemas quanto a essa questão.

Vê-se, na escrita das dissertações, uma necessidade de mobilização de conceitos teóricos para sustentar uma discursividade no meio acadêmico. A respeito disso, Riolfi (2003) lembra que fazer a escrita trabalhar não é, simplesmente, encontrar boas ideias ou planejar como expressá-las, nem encontrar modos de realizar uma interação com o outro por meio do texto, mas poder ler o que não se sabia para poder comentar o que até então era desconhecido. Esse é um trabalho de escrita como possibilidade de aperfeiçoamento, processado por aquele que escreve, em suas idas e vindas, ou melhor, na lida com o conhecimento aprendido ao longo de sua formação. Certamente, um aprendizado que exige conhecimento construído a partir de uma inquietação própria. Assim, ao escrever, o pesquisador inscreve-se em uma enunciação caracterizada pela retroação e pela reciprocidade, que permite ao sujeito operar sobre a linguagem e sofrer os efeitos dela.

Trata-se de um processo de internalização das regras da cultura, que, em primeiro momento, são externas, e depois são incorporadas pelo movimento de escrever e reescrever as palavras do outro – indagar-se, qual a melhor forma de incluir o outro, d) trechos do texto fonte aparecem, às vezes, na ordem inversa nos textos produzidos pelos alunos pesquisadores, numa tentativa de reformulação do texto primeiro para um texto segundo, mas não chegando a um trabalho de retroação do dizer do “outro”.

Esse ritual acadêmico é usado para inscrever o outro na linearidade do discurso, sob a formulação citada – por meio de palavras vindas de outro discurso, inseridas na modalidade do discurso próprio. Uma heterogeneidade mostrada, que rompe sintaticamente o discurso, o qual se desdobra, enunciando uma voz “exterior” que se faz presente. O sujeito marca explicitamente, como exteriores teóricos o espaço e o tempo de enunciação, como se estivesse controlando o jogo de palavras que vem do outro. Esse modo de inserir o outro discurso no discurso produz como efeito uma posição enunciativa de afastamento, ilusória, de exterioridade em relação ao dizer do outro.

Considerações finais

Com estilo próprio, ao escrever o sujeito percorre vários caminhos para colocar algo de si em seu escrito, para que possa surgir dessa produção um novo texto. Nesse movimento ele deixa marcas linguísticas “inventariáveis” como indícios de sua marca na escrita.

Tomam-se, pois, tais observações como objeto de reflexões seguindo uma perspectiva argumentativa ou discursiva de que, com efeito nos casos analisados há um enunciado que se repete. Entretanto, vê-se uma enunciação que se apresenta diferente a cada enunciado

repetido, de modo que, na paráfrase, tem-se também um novo enunciado e não só a repetição do mesmo. Mas não dá para afirmar que se trata de uma paráfrase produtiva, pelo fato de as modificações operadas nos textos apresentados não serem suficientes para considerá-los uma criação por parte de quem os escreveu.

As análises apontam para uma escrita que pouco acrescenta de informações novas. Desse modo, a nosso ver, os exemplos parafrásticos que se analisa consistem em momentos de aprendizagem de escrita, mas que não se constituem produção de conhecimento.

Por fim, volta-se à questão da relação da escrita com o saber. Não se quer dizer com isso que a paráfrase não possa ser tomada como uma das estratégias de reformulação de um texto que tem como base um texto fonte, ser considerada um momento de aprendizagem, mas em que, na busca de algo novo, há a produção de conhecimento. A esse respeito, alertamos para o fato de que a incorporação de um texto em outro já existente de forma repetida, principalmente na universidade, ocasiona a estagnação na produção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidade enunciativa. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

_____. Paradas sobre palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 651-679, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/18488/14346>>. Acesso em: 30 set. 2012.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1992].

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARZOTTO, V. H. Leitura e produção de textos: limites e relações intersubjetivas. In: CALIL, E. (Org.). *Trilhas da escrita: a autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Lições das fúrias: delitos e castigos inevitáveis. In: RIOLFI, C.; BARZOTTO, V.H. (Org.) *O inferno da escrita: produções escritas e psicanálise*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

BIBLIOTECA digital da Unicamp. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>>. Acesso em: 03 set. 2013.

CORACINI, M. J. R. F.; ECKERT–HOFF, B.M. (Org.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, língua materna e estrangeira*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FABIANO, S. *Pesquisa na Graduação: a escrita do gênero acadêmico*. Cáceres-MT: Editora da Unemat, 2004.

_____. *A prática da pesquisa como sustentação da apropriação do conhecimento na graduação em Letras*. 2007. 211f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua portuguesa. Área de Concentração: Análise do Discurso) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2007.

FUCHS, C. *A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?* Tradução de Rodolfo Ilari e Rosa Até Figueira. Campinas: Editora da Unicamp, 1985. p. 129-134.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2010.

FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. *Introdução a linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

RIOLFI, C. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho de escrita. *Leitura: Teoria & Prática*: Revista da Associação de Leitura do Brasil, Campinas-SP, v. 40, p. 47-51, jan./jul. 2003.

TEIXEIRA, M. *Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.